

MULHERES NA ARQUITETURA: MARIA CARLOTA COSTALLAT DE MACEDO SOARES E CARMEN PORTINHO

Paula Weber Prediger¹
Talita Carolina Soares de Freitas²
Maria Regina Johann³

Palavras-Chave: Modernismo. Feminismo. Arquitetônico. Guerreiras.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A arquitetura e o urbanismo são campos, fundamentalmente, sociais, como descreve Fontes (2016), que afirma também que as relações de gênero permeiam todas as estruturas sociais.

Este trabalho procura explorar o papel da engenheira civil e urbanista Carmem Portinho (1903 - 2001) e da arquiteta Lotta de Macedo Soares (1910 - 1967) na arquitetura e urbanismo, destacando a importância dessas mulheres para o movimento feminista brasileiro.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho emerge dos estudos realizados na disciplina de Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo IV, que compõe o currículo do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Unijuí. Tem acento em revisão de literatura e pesquisa bibliográfica e apresenta as obras Parque do Flamengo (1965) e Casa Samambaia (1950 a 1955) de Lotta de Macedo Soares e os trabalhos urbanísticos no Rio de Janeiro de Carmen Portinho.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo apresenta parte da biografia das duas profissionais, suas principais obras e sua contribuição para a arquitetura e urbanismo brasileiros.

3.1 Carmem Portinho

Carmem Portinho se formou engenheira-geógrafa em 1924 e, em 1926, foi a terceira mulher a obter o título de engenheira civil no Brasil. Nesse mesmo ano passou a integrar os quadros de engenheiros da Prefeitura do Distrito Federal (na época, o Rio de Janeiro) e, em

¹ Paula Weber Prediger. Discente de Graduação da Unijuí. E-mail: paula.prediger@unijui.edu.br

² Talita Carolina Soares de Freitas. Discente de Graduação da Unijuí. I. E-mail: talita.freitas@unijui.edu.br

³ Maria Regina Johann. Professora do Departamento de Humanidade e Educação da Unijuí. E-mail: maria.johann@unijui.edu.br

1939, foi a primeira mulher com titulação de urbanista no Brasil, seu maior orgulho, conforme Nascimento (2007).

A partir de 1932, de acordo com Nascimento (2007), fez parte do primeiro corpo editorial, foi diretora e chefe de redação da Revista de Engenharia da Prefeitura do Distrito Federal, que discutia conceitos de urbanismo e apresentava projetos propostos para a cidade. Portinho publicou artigos importantes nessa e em outras revistas sobre projetos, ensino e o significado do urbanismo (SILVA, 2017).

Em 1945, a engenheira realizou um estágio com o Conselho Britânico, como explica Silva (2017), para estudar a reconstrução das cidades inglesas destruídas pela guerra. Quando retornou ao Brasil, ajudou a criar o Departamento de Habitação Popular (DHP) da Prefeitura do Rio de Janeiro, sendo sua primeira diretora. Segre (2001), descreve a etapa mais frutífera de sua obra, quando, influenciada pelas experiências européias, propõe a construção de grandes conjuntos habitacionais populares, distanciando-se dos esquemas tradicionais dos blocos isolados de apartamentos ou das rígidas casas individuais. Nascimento (2007) cita os conjuntos construídos por ela: C.R. de Paquetá, C. R. de Vila Isabel, C.R. da Gávea e C.R. do Pedregulho. A expressão-chave utilizada por Portinho é “unidade de habitação”: localizadas nas proximidades do trabalho, as habitações devem ser ligadas a serviços sociais, médicos e educativos e não devem ser isoladas, estimulando a vida em sociedade.

A engenheira ainda participou da criação de um museu de arte moderna (MAM), sendo diretora dessa instituição, e criou a Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), da qual foi diretora até 1988 (SEGRE, 2001).

Carmen foi protagonista dos movimentos feministas do Brasil, cujas bandeiras eram o sufrágio universal e a possibilidade de trabalhar fora de casa sem os constrangimentos da sociedade machista; ela lutou pela emancipação política e econômica (NASCIMENTO, 2007), participou, segundo Silva (2017), da fundação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) e fundou, também, juntamente com outras mulheres universitárias, a União Universitária Feminina (UFF), que tinha como objetivo defender e incentivar os interesses femininos nas profissões liberais. Em 1937, ela fundou a Associação Brasileira de Engenheiras e Arquitetas (ABEA), que tinha por objetivo inserir as mulheres recém-formadas no mercado de trabalho.

3.2 Maria Carlota Costallat de Macedo Soares

Filha de brasileiros, Lotta nasceu em Paris, em 1910. Segundo Durante (2015) sempre foi inteligente e inquieta. Amante das artes, sobretudo a arte modernista dos anos 30, começa a ter aulas de arquitetura com Carlos Leão e em 1935 entra para o curso de pintura na

Universidade do Distrito Federal, ministrado por Cândido Portinari e, na década de 1940, em Nova York, realizou cursos no Museu da Arte Moderna.

Como explica Durante (2015), sem ter frequentado formalmente uma universidade, foi reconhecida como arquiteta autodidata e paisagista emérita, sendo convidada por Carlos Lacerda, eleito ao governo do então estado da Guanabara (1960-1965), a compor sua equipe de governo junto à assessoria do Departamento de Parques da Secretaria Geral de Viação e Obras e a Superintendência de Urbanização e Saneamento (SURSAN), mais especificamente para coordenar o projeto do parque onde está o Instituto Lotta de Cultura e Cidadania, criado para preservar sua memória e celebrar sua vida, que ia muito além das obras de arquitetura (MODICES, 2017).

Segundo Modices (2017), todos os seus projetos eram tirados de suas inspirações e feitos da forma mais natural que um artista pode imaginar. Ela desenhava, projetava e acompanhava todas as suas criações bem de perto. Lotta era uma mulher muito à frente de seu tempo, tanto pelo seu comportamento quanto por seus anseios. Bem sucedida e poderosa, não fazia somente a parte glamourosa do trabalho. Ela mesma demolia e botava a mão na massa no que precisasse (MODICES, 2017).

3.2.1 Parque do Flamengo

Idealizado por Lotta de Macedo Soares para ser o Central Park Tropical, o Parque do Flamengo foi o primeiro parque de lazer ao ar livre da cidade e oferece equipamentos variados para a prática de esportes, recreação, cultura, gastronomia e entretenimento. Obra memorável do urbanismo moderno brasileiro, o Parque (maior do Brasil) projetado a partir de 1961 foi inaugurado simbolicamente em 1964, e reinaugurado oficialmente em 1965, pelo Governo do Estado da Guanabara, como parte das comemorações do quarto centenário da cidade. Foi tombado pelo IPHAN nesse mesmo ano (GIRÃO, 2011).

De acordo com Girão (2011) foi criado um Grupo de Trabalho para a Urbanização do Aterro (1961-1965) com execução pela Sursan, o Parque contou com a chefia do arquiteto e urbanista Affonso Reidy, e colaboração do arquiteto-paisagista Roberto Burle Marx na criação dos jardins, Alexandre Wollner na programação visual e Richard Kelly na iluminação

Lotta considerou um sistema de iluminação para o parque onde, segundo o Site Instituto Lota fosse um sistema que permitisse aos pedestres ver além: toda a orla da praia, o mar, o Pão-de-Açúcar e manter a segurança daqueles que quisessem caminhar a noite, ou jogar futebol no interior do Parque.

Lotta não teve a oportunidade de finalizar a obra do parque, até o momento em que Lacerda perdeu seu cargo (MODICES, 2017) e o parque passou a ser designado, em parte, de

Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, e em parte, de Parque Carlos Lacerda (Instituto Lotta, 2019).

3.2.2 Casa Samambaia

A residência de campo projetada pelo arquiteto Sérgio Bernardes para Lotta de Macedo Soares no bairro de Samambaia em Petrópolis, Rio de Janeiro, é considerada um dos mais importantes ícones da arquitetura residencial do período moderno da arquitetura brasileira (GUINA,2019). Levou 5 anos para ser terminada (1950 a 1955), quando da premiação, ainda estava em fase de conclusão (INSTITUTO LOTTA, 2019).

A casa localiza-se no alto de um terreno pedregoso, com topografia acidentada, densa vegetação nativa e um pequeno riacho. O arquiteto adota um partido em alas, que se dispõem ao longo de um eixo longitudinal leste-oeste. Esse eixo é traduzido em planta como uma circulação alongada e ampla, com rampa numa extremidade e escada na outra, que funciona como galeria de exposições para a coleção artística de Lotta (FRACALOSSI, 2013).

Construção geométrica por planos, a casa é dividida em cinco zonas bem definidas: galeria e circulação; cozinha e jantar; ala íntima; dependências de hóspedes e de empregados. Mais uma sala de estar, está disposta perpendicularmente ao corpo principal. Tal arranjo confere à casa um perímetro de recorte irregular, e clareza a setorização dos ambientes: social no centro, serviço ao fundo e duas zonas íntimas nas extremidades (INSTITUTO LOTTA, 2019).

A Casa Lotta de Macedo Soares, com forma e espacialidade modernas, foi a grande pioneira no uso de estrutura metálica no país. A ela, o arquiteto agregou materiais tradicionais, deixando claro que modernidade e tradição são, não apenas compatíveis, mas capazes de formar um elegante conjunto. Hoje, encontra-se preservada praticamente em sua forma original, não aberta à visitação pública (FRACALOSSI,2013).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou duas grandes mulheres que foram muito importantes para o modernismo brasileiro. Em um período onde o trabalho da mulher era pouco valorizado, se destacaram e conquistaram seu espaço, criando oportunidades para mulheres na área da engenharia, arquitetura e urbanismo. Portinho apresentou projetos para a cidade e propôs a construção de importantes conjuntos habitacionais populares, e ainda, foi fundamental para a criação de um museu de arte moderna. Lotta foi uma arquiteta autodidata, e foi responsável pelo projeto e acompanhamento da obra de um dos mais importantes parques brasileiros, além de se mostrar corajosa e talentosa para atuar em um espaço predominantemente masculino, mesmo sem formação técnica.

Com estas duas histórias foi possível conhecer como era o trabalho das mulheres do ramo da construção civil no Brasil modernista. Apesar do avanço nas condições de trabalho das mulheres do ramo, ainda existe diferença entre o trabalho de homens e mulheres e deve-se seguir o exemplo dessas duas profissionais para defender a igualdade de, como profissional liberal, mulheres criarem os projetos e os conceitos com as mesmas oportunidades e reconhecimento.

REFERÊNCIAS

DURANTE, Silvio. Lota Macedo Soares. Enciclopædia Biográfica de Arquitetos Digital. Disponível em: <www.ebad.info/#!soares-lota-de-macedo/c24t3>. Acesso em: 30 de Outubro de 2020.

FONTES, M. L. Mulheres Invisíveis. 2016. Dissertação (Programa de pós graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília). Universidade de Brasília. Brasília.

FRACALOSSI, Igor. Clássicos da Arquitetura: Casa Lota de Macedo Soares / Sérgio Bernardes, 15 Abr 2013. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-108652/classicos-da-arquitetura-casa-lota-de-macedo-soares-slash-sergio-bernardes>>. Acesso em: 30 de Outubro de 2020.

GIRÃO, Claudia. Parque do Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil: o caso da marina – parte 1. Arqtextos, São Paulo, n. 12.136, Vitruvius, 2011. Disponível em: <www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/12.136/4048>. Acesso em: 30 de Outubro de 2020.

GUINA, Romulo Augusto Pinto, 2019. Disponível em: https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq_32_01.pdf. Acesso em: 30 de Outubro de 2020.

Instituto Lotta o futuro pertence, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://institutolotta.org.br/lotta-2>>. Acesso em: 30 de Outubro de 2020.

Lotta de Macedo, arquiteta e protagonista do filme Flores Raras. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/02.015/853>. Acesso em: 28 de Outubro de 2020.

NASCIMENTO, F. B. Carmen Portinho e o habitar moderno. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 9, n.1, p. 69-82, 2007.

SEGRE, R. Carmen Portinho (1903 - 2001): Sufragista da arquitetura brasileira. 2001. Disponível em: <https://www.modices.com.br/comportamento/lota-de-macedo-flores-raras>. Acesso em: 30 de Outubro de 2020

SILVA, R. C. M. Carmen Portinho: Engenheira da prefeitura do Distrito Federal, difusora do urbanismo e uma feminista avant-garde. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n.12, p. 59-75, 2017.